

Ensaio

Lançado em 1989, *O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira*, de Haroldo de Campos, ganha nova edição; estudo analisa o lugar da poesia de Gregório de Matos e Guerra



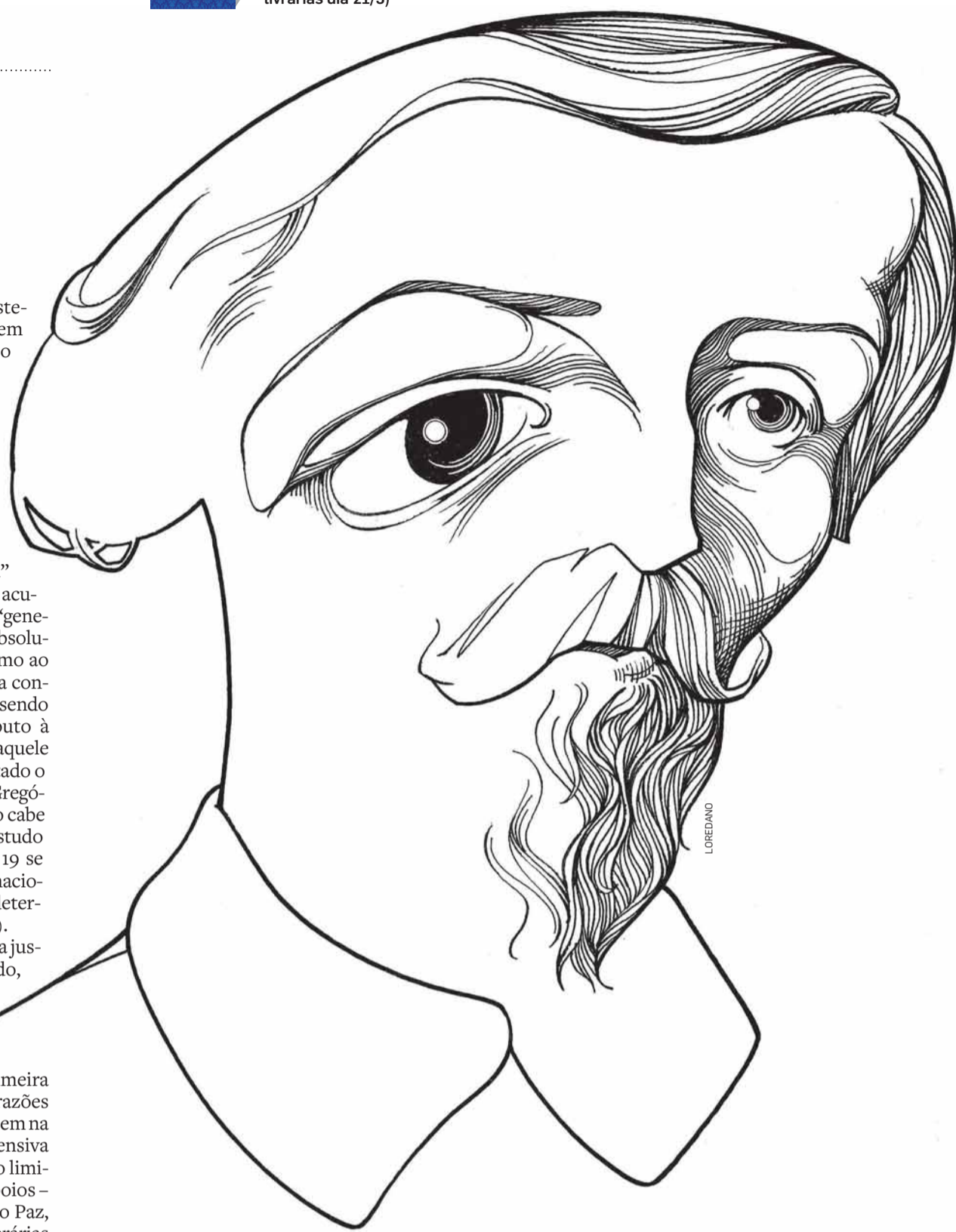
O SEQUESTRO DO BARROCO
 Autor: Haroldo de Campos
 Editora: Iluminuras
 (96 págs., R\$ 35; nas livrarias dia 21/3)

UM CONTROVERSO LIBELO DA CRÍTICA

ALCIDES VILLAÇA

O “tédio à controvérsia”, forma de evasão tantas vezes simulada pelo ácido narrador machadiano, não é um bom lema para a crítica, embora seja uma tentação convocá-lo quando o debate cultural se restringe a demarcar territórios pessoais. O aguerrido ensaio de Haroldo de Campos, cujo título é especificação de tese (*O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira: O Caso Gregório de Matos*, 1989, agora em nova edição), aciona uma profusão de suportes eruditos e se investe de um propósito cultural que ultrapassam em muito o capricho da demarcação de terreno, sem de todo renunciar a esta. O tom é assumidamente o de um processo acusatório, em que o delito (sequestro) e a vítima representada (Gregório de Matos) são trazidos ao julgamento do responsável, o crítico Antonio Candido, autor da *Formação da Literatura Brasileira – Momentos Decisivos*, 1959). A rigor, o que Haroldo de fato argui é a consistência do método exposto nas sucintas páginas do capítulo *Introdução*, do que decorreria a exclusão dolosa; é de se presumir que as análises verticais de obras e autores brasileiros dos séculos 18 e 19, que ocupam os dois volumes e constituem o propósito maior de seu autor, padeceriam da inconsistência daquele pecado original. O que logo chama atenção do leitor é a diferença de estilo dos dois críticos: a linguagem de Antonio Candido flui como numa linha clara, contínua e persistente, na tradição da esquerda para a direita, em argumentação sucessiva; a de Haroldo de Campos produz uma multiplicação de pontos conceituais que vão e voltam no discurso, qual um arrazoado em espiral. Não resisto à especulação de que esses estilos refletem os modos pelos quais os autores compreendem o tempo da história e da cultura: na perspectiva de Candido, a formação da continuidade literária se dá por meio de um vínculo orgânico entre autor, obra e público, elementos ativos de um sistema ao mesmo tempo social e estético; na perspectiva de Haroldo, sobretudo as obras se comuni-

cam numa temporalidade aberta, constelando-se como fatos de linguagem em que o teor de invenção transcende o quadro temporal. Em duas palavras: a perspectiva diacrônica é rechaçada pela sincrônica. Dessa matriz de divergências decorrem, mais particularizados, os óbices que Haroldo vê no método de Candido: o primado do “finalismo” num sistema cuja linearidade faria supor um “enredo metafísico”, um “habítaculo do Logos”, uma “teleologia naturalista” e outros atributos em razão dos quais a acusação recai sobre o que considera uma “generalização do modelo romântico e sua absolutização em modelo da literatura”. Como ao Romantismo não falta nacionalismo, a concepção de sistema de Candido acaba sendo também identificada como um tributo à emancipação nacional em processo naquele período, concepção de que teria resultado o sequestro do Barroco e, com este, o de Gregório de Matos. Também para esse ponto cabe ao leitor da *Formação* verificar se o estudo das obras e autores dos séculos 18 e 19 se ressentem, e em qual escala, desse viés nacionalista (ou, como prefere Haroldo, do determinismo dessa “entificação nacional”). O leitor também avaliará a justeza e a justiça do processo movido por Haroldo, avaliação que dependerá, como sempre, de um ajustar de contas com pressupostos críticos, cuja complexidade e largueza, em cada intérprete, talvez deva ser a primeira questão para o próprio intérprete. As razões e pressupostos de Candido transparecem na enunciação do método, exposto à ofensiva de discordâncias tão localizadas como liminares; as de Haroldo têm múltiplos apoios – em Derrida, Jauss, Jakobson e Octavio Paz, entre outros – e tomam as obras literárias como invenções abertas no horizonte, interpretáveis à luz de uma “poética da sincronidade”. O critério de arte de vanguarda, com o qual Haroldo terá nutrido parte importante de sua formação crítica, surge funcionalista e sistêmico a seu modo: ganham relevo, por exemplo, a função poética e a metalinguística do modelo comunicativo de Jakobson. Torna-se intolerável para essa perspectiva a omissão de um poeta cujo triunfo está justamente no alto desempenho de procedimentos lúdicos, mormente os de uma sátira identificada como transgressão inventiva de



um código. Sempre dentro da ordem constelada e sincrônica, os inventores se comunicariam entre si e por si mesmos, produzindo tanto antecipações proféticas como filiações preventivas. Os efeitos do sequestro teriam ficado como provocação para a vanguarda daqueles anos 50 e 60, em que se antevia um país moderno nos trópicos. O ensaio de Haroldo lembra possibilidades interessantes de uma revisitação ao “caso” Gregório de Matos: em qual público de fato ecoaria, e de que modo, a voz de seus poemas? Quanto houve, para além do proto-

colo retórico do Barroco e das liberdades do humor, de efetiva invenção e genialidade nas linguagens do poeta? E há a lição de sempre, depreendida do libelo e da matéria contestada: fazer crítica supõe escolha e descarte de critérios, e não há ângulo que deixe de possibilitar, em qualquer caso, alguma sensação de sequestro – de um autor, de um método, de uma perspectiva histórica.

Outro olhar. Gregório, no traço de Lorelano: obra atenta ao lúdico

* **ALCIDES VILLAÇA** É PROFESSOR DE LITERATURA BRASILEIRA NA USP

UM ANO COM OS MELHORES AUTORES

Seleção de textos no portal marca aniversário do *Sabático*

Umberto Eco falando a respeito do futuro do livro; Philip Roth discorrendo pela primeira vez, na imprensa mundial, sobre seu novo romance, que só sairia meses depois; Mario Vargas Llosa abordando o sentimento de latinidade, dias antes de ser anunciado como o vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 2010. Esses são alguns dos autores e temas que foram capa do *Sabático* em seu primeiro ano de publicação. O número de estreia do caderno circulou em 13 de março de 2010, antecipando as mudanças decorrentes do novo projeto gráfico e editorial do *Estado*, que entraria em vigor em todo o jornal no dia seguinte. Para marcar o aniversário do suplemento, uma seção especial do portal do *Estado* entra no ar hoje com uma seleção das principais entrevistas exclusivas e reportagens publicadas pelo *Sabático* neste seu ano 1 (acesse estado.com.br/esabaticoano1). No total, o leitor internauta terá acesso a textos de 15 edições regulares e uma extra. O número de estreia e a edição especial sobre José Saramago – que circulou em 19 de junho, um dia após a morte do Nobel português – entram na íntegra. Nos demais casos, estarão no ar as páginas específicas das

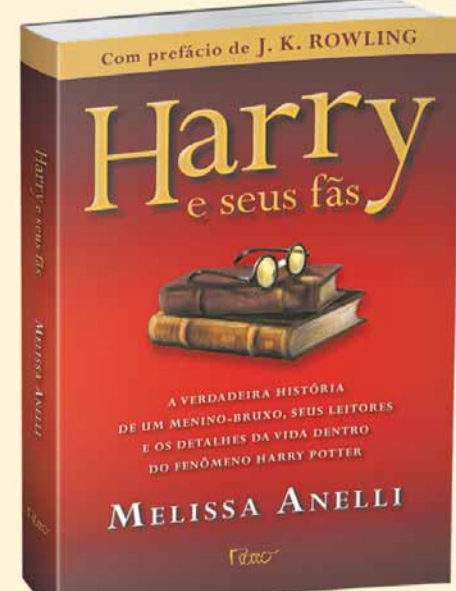
entrevistas e reportagens que renderam capa do caderno. Além dos citados, há nomes como Eugenio Barba, diretor teatral italiano; Jacques Le Goff, historiador francês; e, entre os brasileiros, Alfredo Bosi, crítico, e Ferreira Gullar, poeta. Os percalços para a

publicação do primeiro livro, a poesia feita para a web e a sacudida que os tablets vem provocando nas editoras do País também foram assuntos de destaque do suplemento e poderão ser relidos no especial do site. O portal põe no ar, ainda, a partir de hoje, o quarto programa da série *Leituras Sabáticas*, com o escritor paulista Marçal Aquino. Aquino, de 53 anos, lê um trecho do romance *Eu Receberia as Piores Notícias de Seus Lindos Lábios* (veja em estado.com.br/e/s3). *Leituras Sabáticas*, uma realização mensal do caderno e da TV *Estadão*, estreou em dezembro e já levou ao ar programas com Lygia Fagundes Telles, Milton Hatoum e Manoela Sawitzki lendo passagens de seus livros e explicando as circunstâncias em que foram escritas.

Exclusivo. Umberto Eco na capa da edição de estreia: manifesto em favor do livro



Descubra a magia de Harry Potter



Harry e seus fãs

Um livro para quem é apaixonado pela saga do jovem bruxo

Prefácio de J. K. ROWLING

Lançamento *Préço* em todas as livrarias

